

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS E
POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ELIZABETE CRISTINA NUNES

**LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: AS CONTRIBUIÇÕES DA OBRA
DE RUTH ROCHA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR DE
LITERATURA**

NATAL - RN

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS E
POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ELIZABETE CRISTINA NUNES

**LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: AS CONTRIBUIÇÕES DA OBRA
DE RUTH ROCHA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR DE
LITERATURA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do grau acadêmico de licenciado em Pedagogia.

Orientação: Prof^a. Alessandra Cardoso de Freitas

**NATAL - RN
2015**

**LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: AS CONTRIBUIÇÕES DA OBRA
DE RUTH ROCHA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR DE
LITERATURA**

ELIZABETE CRISTINA NUNES

Monografia apresentada, como
requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em Pedagogia na Universidade de
Federal do Rio Grande do Norte, pela
comissão formada dos professores:

**Profa. Alessandra Cardoso de Freitas
(Orientadora- CE/UFRN)**

Natal – RN, ___ de _____ de 2015.

Dedico esse trabalho aos meus pais que fizeram com que eu me encantasse com os livros, a Glória Oliveira que me mostrou os caminhos da educação e a todos que me ampararam até aqui para que esse sonho fosse possível, amigos que sorriram e choraram junto durante essa caminhada, especialmente a Conceição e Gilvaneide, vocês são inesquecíveis. Essa conquista é nossa!

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus que por Seu amor me permitiu estar viva e ser capaz de fazer esse trabalho. Agradeço imensamente a Daliane Nascimento que me orientou junto com Alessandra Cardoso, obrigada por sua paciência e atenção. A minha gratidão se estende a todos aqueles que me apoiaram e compreenderam minha ausência.

RESUMO

A literatura é uma arte milenar que está presente em nosso meio e continua ativa com todas as suas possibilidades, entre elas encantar, instruir e provocar o leitor independente da sua idade. Através da literatura podemos confrontar o nosso eu e o mundo em um diálogo constante entre personagens e leitor e, assim, vamos nos transformando, nos permitindo ter um olhar mais crítico sobre os valores postos socialmente e o mundo. Partindo desse pressuposto de que a literatura nos transforma em cidadãos mais críticos, capazes de refletirem sobre a própria prática, buscamos neste trabalho investigar as contribuições da obra de Ruth Rocha para formação do leitor de literatura. Respaldamos-nos teoricamente em estudos teóricos de Coelho (1991; 2000), Lajolo (2007), Zilberman (2007) Amarilha, (2006; 2009), Goés (2010), Bettelheim (2007), Arroyo (1994) e Nóvoa (1991). Para análise dos dados elegemos as obras “Sapo que vira rei vira sapo: ou a volta do reizinho mandão” (1983); “A primavera da Lagarta” (1984) e “O que os olhos não veem” (1984) da autora Ruth Rocha, destacando trechos chaves que favorecem a formação do leitor. Com este trabalho percorremos uma linha do tempo da história da literatura, visualizando o poder dessa arte que, mesmo com todas as mudanças sociais de valores e conceitos, continua de pé e sendo propagadora de ideias e permitindo ao leitor, principalmente o jovem leitor, pensar sobre o que lê, se posicionando de forma crítica. Constatamos que a obra de Ruth Rocha contribui para a formação do leitor de literatura, uma vez que aborda em sua obra aspectos problemáticos vividos na sociedade, que podem mobilizar o posicionamento do leitor sobre o lido de forma reflexiva e crítica. Esses resultados mostram a importância de se recorrer às obras de Ruth Rocha nas aulas de leitura literária, como oportunidade de formar leitores que tenham uma atitude ativa diante do que é lido e vivido.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Literatura; Leitor.

SUMÁRIO

1 . INTRODUÇÃO.....	08
2 ° CAPÍTULO - HISTÓRIA DO PODER DA PALAVRA COMO ARTE LITERÁRIA.....	14
2.1 Literatura na idade Média.....	15
2.2 Literatura no Renascimento.....	17
2.3 Literatura no Brasil Colônia.....	18
2.4 A Transição da Literatura entre os Século XVIII e XIX.....	19
2.5 Literatura no Brasil do século XX.....	20
2.6 Literatura no século XXI.....	21
2.7 O educador e a literatura.....	23
3º CAPÍTULO II - RUTH ROCHA, VIDA E OBRA: ANALISANDO DADOS.....	25
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo de conclusão de curso parte do entendimento de que somos seres sociais em constante mudança e somos influenciados o tempo todo por todos os acontecimentos em nossa volta, sendo que algumas coisas, aquelas que mechem mais profundamente com nossas emoções tende a nos influenciar com mais facilidade e de maneira mais duradoura. A literatura tem essa possibilidade de interligar-se ao leitor. Esse costuma vivenciar as emoções dos personagens, viver as suas alegrias, tristezas e todas as emoções que são possíveis ao personagem, ao entrar em contato com esse universo.

Frente a isso, e sabendo das obras da escritora brasileira Ruth Rocha, surgiu a necessidade de conhecer melhor o poder de influência da literatura e das obras dessa autora para mobilizar uma reflexão crítica por parte do leitor de modo a contribuir para a sua formação como leitor de literatura.

Uma das hipóteses a ser levantada para entender a intencionalidade formadora da autora foi que a construção literária e imaginária presente em suas obras não tem a pretensão de influenciar diretamente o indivíduo a fazer escolhas sociais e moralmente corretas, mas vai permiti-lhe ser um ser mais questionador e com maior potencialidade criativa, através da dinâmica da leitura, pois como nos afirma (AMARILHA, 2006, p.73) *“Nesse fluxo, modificam-se texto e leitor – o que é a marca do processo de comunicação.”*

O que nos motiva a realizar essa pesquisa é saber que a literatura é uma arte milenar que influenciou e influencia a humanidade da mesma forma que é fruto dela. Para que essa seja mediada nas escolas de forma a contribuir com a formação do pensamento crítico do cidadão, precisamos analisá-la e usá-la de acordo com a necessidade vigente em nossa sociedade.

Vivemos em uma geração do imediato, que precisa ser ensinada sobre a profundidade das coisas que entram em contato, precisam aprender a perceber nas suas muitas leituras, que tipo de ideologia, pensamento e imaginação está presente, pois já somos cientes de que a formação do pensamento da criança, assim como a de jovens e adultos que apesar de já não serem tão facilmente moldáveis, é influenciada com as leituras literárias que se tem acesso, pois apesar de ser um mundo paralelo, como diz Nelly Novaes Coelho conceituando literatura como

linguagem, esse é um universo autônomo que influencia e constrói o nosso mundo. Assim entendemos que:

Literatura é arte, é um ato criador que, por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico, onde os seres, coisas, fatos tempo e espaço, mesmo que se assemelhem aos que podemos reconhecer no mundo concreto que nos cerca, ali transformando em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção (COELHO, 1986. p.29)

Sendo assim, temos como objetivo investigar a contribuição das obras de Ruth Rocha para a formação do leitor de literatura. Mais especificamente, vamos analisar as obras de Ruth Rocha de forma a verificar a concepção de mundo presente nela, reconhecendo a visão da sociedade contida no texto e refletir sobre aspectos pontuais do texto que mobilizam o posicionamento crítico do leitor. Precisamos pontuar quais os desafios do leitor ao ler qualquer produção literária, para reconhecer a sua fundamentação e a sua falta de neutralidade diante de uma ou várias temáticas da sociedade.

Como metodologia de estudo para avaliar a potencialidade e possibilidades da literatura, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a história da literatura e suas similaridades com a época e sociedade em que foram escritas, ressaltando a sua influência na vida em sociedade de cada período. Nesse percurso, realizamos um levantamento das obras da escritora Ruth Rocha e selecionamos três para uma análise mais pontual: “Sapo que vira rei vira sapo: ou a volta do reizinho mandão”, (1983); “A primavera da Lagarta”, (1984) e “O que os olhos não veem” (1984).

Para compreender a importância das obras de Ruth Rocha para a formação leitora nos respaldamos nos estudos de Coelho (1991 e 2000), sobre a história da literatura, Lajolo e Zilberman (2007), Coelho (2000) e Amarilha (2009 e 2006) sobre a formação crítica em sala de aula e a relação do leitor com o texto nesse processo comunicativo, além de outros escritores que nos ajudam a compreender essa temática.

No início desse trabalho foi feito um levantamento dos trabalhos produzidos sobre Ruth Rocha e suas obras, identificamos artigos, teses e dissertações produzidos na última década e produzimos um breve resumo de cada trabalho, que se segue aqui.

TIPO	TÍTULO	AUTOR	ANO	INSTITUIÇÃO	TEMA
Dissertação	A literatura infantil e o autoritarismo no séc. XX: um estudo comparativo entre Ruth Rocha e José Cardoso Pires	MARIANO, Juliana Camargo	2012	USP	A autora faz uso de Literatura Comparada entre a escritora brasileira, Ruth Rocha e o escritor português José Cardoso Pires. Analisando as obras desses autores escritas em períodos de regimes autoritários, com o objetivo de demonstrar as denúncias feitas através dos livros desses autores e o auxílio desses para a construção de um regime democrático. Mostrando a relação da ficção com a realidade do que estava acontecendo no contexto histórico da escrita dessas obras.
Tese	A literatura para a juventude portuguesa e brasileira e a relevância de dois elementos estruturais da narrativa:	DIAS, Ione Vianna Navajas	2007	USP	A autora faz uma leitura comparativa de literaturas brasileiras e portuguesas, com ênfase na relação de prazer existente entre leitor/texto. Para tal a autora analisa obras portuguesas e

	Linguagem e Narrativa				brasileiras mostrando a cumplicidade do narrador no texto com o leitor, criando assim uma relação de cumplicidade entre eles, fazendo também um resgate de obras clássicas que dialogam com obras contemporâneas como o Conto: Ruth Rocha conta a Odisseia.
Dissertação	Ruth Rocha: tramas de histórias e história intercruzadas	CIPOLINI, Thaís Otani	2007	UNICAMPI	A mestranda discorre sobre as obras de Ruth Rocha percebendo os fios constantes e as modificações desses conforme o contexto histórico vivido pela autora, ressaltando que os livros não são feitos só pela autora como também editores e ilustradores. CIPOLINI segue mapeando os temas constantes nas obras da escritora e suas modificações enfatizando os temas de coletividade e individualidade que perpassam as obras

					de Ruth Rocha
Dissertação	A (in) evitável didatização do Livro infantil através do livro didático	BOSSI, Ana Maria da Silveira	2000	UFMG	É apresentado a transformação do texto infantil em obra didática para os livros de alfabetização, mostrando o largo uso da poesia para esse fim como também o uso de textos narrativos mais didatizados como alguns de Ana Maria Machado e Ruth Rocha e os textos literários passam a ser textos escolares.
Artigo	O rei que não sabia de nada: Ruth Rocha e a literatura infantil	SILVA, Dayane Aparecida Ferreira da; FERNANDES, Tiago da Silva; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani	2011	Sciencult	Esse artigo faz uma análise do livro o Rei que não sabia de nada de Ruth Rocha, na perspectiva de que a autora trabalha relativizando as ideias consagradas pelo poder, tendo em vista a reflexão e a provocação presentes no livro para levar os leitores da educação infantil e ensino fundamental a indagarem sobre os problemas sociais e os valores instituídos.
Artigo	Análise da	LOURENÇ	2008	Letrônica	A autora na sua

	trajetória do herói na história O reizinho mandão, de Ruth Rocha	O, Katiane Crescete			análise, procura respostas para a heroicidade do reizinho mandão, propondo que seria ele um herói “às avessas”, para isso o artigo segue trazendo informações sobre a autora, a representação do livro no cenário mundial, sua relevância para as crianças e um resumo da obra, para então analisar a trajetória do herói pautado nos referencias teóricos estudados por ela.
--	--	---------------------	--	--	---

O levantamento realizado sobre os trabalhos que discutem as obras de Ruth Rocha revela a sua contribuição para literatura e a formação do leitor, como também, apontam a necessidade de realizar mais estudos sobre as obras da referida autora de modo a compreender de forma mais precisa as contribuições de suas obras para leitores em formação.

O trabalho está formado por três capítulos. No primeiro, abordamos os aspectos históricos da arte literária quanto palavra disseminadora de opinião, no segundo nos voltamos para o estudo de quem é Ruth Rocha e quais as suas contribuições para a literatura brasileira. Já no terceiro e último nos detemos a analisar três consagradas obras de Ruth Rocha, buscando extrair das histórias *"Sapo que vira rei, vira sapo"*, *"A primavera da lagarta"* e *"O que os olhos não veem o coração não sente"* uma reflexão crítica que contribua para a formação do leitor.

2. HISTÓRIA DO PODER DA PALAVRA NA ARTE LITERÁRIA

A palavra é a base formadora das ideias, elas são os blocos construtores do pensamento e é através delas que organizamos a nossa mente e construímos diálogos, sonhos e a nossa realidade. As palavras quando bem elaboradas e aplicadas, direcionam atitudes e pensamentos, o que deixa evidente o SEU poder, seja na construção da imaginação ou no despertar para a realidade do leitor, voltando-o para as dificuldades e problemas presentes em seu meio social ou em seu próprio eu, que constantemente precisa de mudanças e aprimoramentos no seu conhecimento prévio de mundo, impondo-se aos homens e os modificando com essa imposição. É quase sempre de maneira mágica que o transforma, como ressalta Coelho (1991):

Descobriu-se, assim, que a palavra desde sempre se impôs aos homens como algo de mágico, como um poder misterioso que tanto poderia proteger quanto ameaçar; construir e destruir. (COELHO, 1991. p.13)

A literatura nada mais é do que a utilização da palavra para a divulgação e perpetuação de histórias com significação para todos, palavra essa que provavelmente começou com o advento da necessidade de comunicação entre as pessoas. Transformou-se em uma das maiores (se não a maior) e a mais poderosa arma da qual a humanidade dispõe. Ela suscita guerras, acaba-as e vence batalhas. Essa é a palavra que pode elaborar-se com diferentes formas, mas nunca é vazia, em nenhuma de suas formas, muito menos na literatura que, como tudo criado pelo homem, sempre tem um propósito, a intencionalidade de comunicar, de expressar-se, de transmitir mundos, mostrando a amplitude presente na arte literária como afirma Goés (2010):

A leitura reflexiva, a aquisição do vocabulário, a aquisição de conceitos, assim como as preferências, o gosto pela leitura, a escolha de valores são adquiridos através da literatura. Suas funções são portanto, amplas (GOÉS, 2010, p.37).

A arte da palavra, ou seja, a utilização dessa ferramenta de maneira artística, é chamada literatura e essa não é uma arte nova. Desde a invenção da escrita em

data incerta podemos ter resquícios da necessidade de propagar mensagens de forma embelezada e envolvente, com o intuito de conquistar e informar um leitor. Para tal, temos registros de pergaminhos antigos que em sua maioria transmitem as crenças de povos da antiguidade. Se desconsiderarmos essas narrativas de fé, mesmo que em poemas e textos históricos, podemos dizer que os primeiros registros escritos de literatura são orientais, por volta do século V., mas assim como nos textos religiosos antigos, nessas leituras é possível ver a influência da literatura na perpetuação de valores morais ou políticos necessários a sustentação da sociedade, como o amor ao próximo, a obediência ao mais forte e o respeito aos mais velhos, que são valores defendidos naquela época e sociedade.

Com o passar do tempo e a inserção da literatura oriental em outras sociedades, esse tipo de literatura foi disseminada por fábulas e contos que primeiro chegaram através das versões bizantinas como o “Conto dos sete sábios”. Logo que chegam, essas obras começam a modificar-se, principalmente devido às novas demandas e necessidades daqueles povos, a de transmissão de valores. Entendemos que, quando diante da literatura, estamos diante da palavra que quer convencer, influenciar, plantar sementes no coração ou no intelecto do indivíduo, seja por interesse próprio, para o bem comum de todos ou para satisfazer a intenção de controle do poder.

Quando analisamos a arte literária, é inegável ver o zelo com que esses artistas faziam seu trabalho, o que aliás vale lembrar aqui, que a arte antes de ser conhecida como “Belas Artes” e “obra de arte” ela foi conhecida simplesmente como trabalho. Houve um tempo em que se *“valorizava mais a qualidade em vez da originalidade e da novidade”*. A arte era a *“Beleza natural esperada pelas coisas feitas humanamente.”* (HOOKMAAKER, 2010, p.13)

2.1 A literatura na Idade Média

Durante a Idade Média, período histórico de mil anos marcado pela queda do império romano até o início dos tempos modernos, "desponta" a literatura do Ocidente Europeu. Surge primeiramente como a palavra dita, cantada por trovadores, escrita em língua vernácula, língua popular em vez do formal latim e, como dizem Oliveira e Silva (2008) ao mostrarem o trabalho de Carvalho e Chartier no livro *A história da literatura no mundo ocidental* “é nessa época que aparece o

livro em língua vulgar, escrito às vezes pelo próprio leitor, e que circula entre a burguesia, paralelo a um modelo de leitura da corte, da aristocracia culta europeia” (OLIVEIRA e SILVA, 2008, p. 37). O texto passa a ser bem mais difundido e consumido, sendo esse com literatura religiosa ou secularizada, mas carregada sempre de ideais, buscando ensinar e divertir em meio a uma sociedade marcada pelo caráter religioso que une a literatura oriental e ocidental em uma só.

A idade média foi marcada pela religião ou pelas religiões, sendo que dentre elas se destaca o cristianismo que com sua ascensão ao poder político se funde com muitas outras crenças, para agregar a população debaixo de seu poderio. Coelho (1991) pontua que a literatura nesse período histórico era vista como atividade superior do espírito sobe a influência religiosa, logo o livro era um:

[...] instrumento civilizador, é de se compreender o caráter moralizante, didático, sentencioso que marca a maior parte da literatura que nasce nesse período, fundindo o lastro oriental e ocidental (COELHO,1991, p.33).

Por isso era imprescindível que fossem ensinados a crianças através de conto, pois o fantástico sempre cativou o olhar do novo leitor. Com isso podemos dizer que a literatura infantil começa a despontar no final da idade média.

Logo, a Literatura da época medieval, também começa a registrar essa arte de maneira diferente, menos realista e mais fantástica. A arte literária passou a voltar-se mais para o maravilhoso, talvez devido aos confrontos na luta pelo poder, com os confrontos a violência, a crueldade, além de certa permissão para a mais crua maldade humana como podemos ver nas Cruzadas cristãs. As histórias despontam COMO maravilhosas, fantásticas, no sentido de tratarem de algo fora da realidade. Muitas dessas criações chegaram até hoje e estão presentes principalmente nas chamadas literaturas infantis, sendo que bastante modificadas, com alterações que mostram o refinamento dos costumes humanos.

Essa observação é chave para notarmos a capacidade da literatura em registrar as demandas humanas como também de perpetua-las ou influenciar os ideais dos que entram em contato com ela. A permanência até os dias de hoje dessas histórias atesta como o início, por assim dizer, sem pretensão de ser uma escrita voltada para as crianças, de uma literatura infantil.

Um dos marcos que é importante salientar desse período da linha histórica da literatura, vinda da Idade Média, é um tipo de história que foram chamadas novelas da cavalaria. As novelas da cavalaria eram romances escritos em versos ou prosa, que retratavam as conquistas dos cavaleiros dentro dos ideais do séc. IX expressando o ideal guerreiro e religioso da Idade Média.

No séc. XII quando essa literatura já foi difundida, ela torna-se ainda mais romanesca, maravilhosa e distante da dura realidade humana da Idade Média. Nelas o amor cortês se funde com ideais religiosos e o grande perigo é pensarmos que isso foi um acaso, era apenas uma fuga da realidade difícil daquela época, não apenas isso, mas temos de ver que enquanto fuga que essa forma de arte era também formadora de visão de mundo, era inquietação de intelectuais postas em arte, suscitando mudanças em uma sociedade embrutecida, romantizando a dureza da vida, o que fazia dela leitura obrigatória para as crianças, como mostra Goés, (2010, p.80) quando diz que “na Idade Média, as crianças deveriam devorar as façanhas dos livros de cavalaria e as milagrosas vidas de *Flos sanctorum*”.

2.2 A literatura no renascimento

A Literatura do início do Renascimento que tanto nos influenciou, juntamente com todo o movimento renascentista que é um marco no pensamento do homem sobre o homem, começa com resquícios da Idade Média, ou seja, como toda a arte da época, com um cunho moralizante, pautado nos ideias do cristianismo, o que é possível ver em quase toda a literatura produzida nessa época, por cunho moralizador é preciso pensar em uma literatura que envolve, diverte, contagia, ao mesmo tempo em que molda o pensamento, influencia para uma conduta moral especificamente cristã, mostrando que toda literatura instrui ainda que de maneira leve e simples, mesmo aquelas literaturas que são mais superficiais em substância, por sua improfundidade, transmite uma maneira de ver o mundo, assim como visto nas produções literárias dessa época.

O renascimento é considerado o início dos Tempos Modernos, como toda a arte e sociedade, a literatura sofre grandes alterações nessa época, entre século XIV e XV. E é nesse período que “surge a literatura infantil” realmente com esse pensamento, pois é a partir de então que a criança começa a ser vista como criança,

portadora de infância, a literatura infantil é um termo relativo, pois, o que é literatura infantil e como podemos fazer essa distinção?

Lúcia Pimentel Góes em seu livro: *Introdução à literatura para crianças e jovens*, tenta responder essas perguntas, mas não consegue chegar a um veredito, talvez porque realmente não haja uma resposta precisa. Dentre suas pesquisas Góes (2010, p.23) diz que Literatura infantil é uma “Linguagem carregada de significados até o máximo grau possível e dirigida ou não às crianças, mas que responda às exigências que lhes são próprias.” E é no período renascentista que vemos o crescimento da arte literária por esse viés.

É no início do Renascimento, que a arte da escrita começava a ser mais realista, com uma visão de mundo voltada para a satisfação da alma humana, sendo que ainda não chegamos a essa plena satisfação e se estamos tão preocupados em busca da nossa própria completude, o que podemos é ensinar ao outro que busque a sua satisfação e sobra muito pouco para o real bem comum, o crescimento social ou do homem em sociedade. Esse período é marcado muito mais fortemente pelo o iluminismo, pelo crescimento científico e o despertar de um pensamento humanista, o artista começa a ser tão conhecido quanto a sua arte.

2.3 Literatura no Brasil colônia

As novelas da cavalaria com o seu romance fantástico, difundidas na Idade Média, como o ideal romântico de Tristão e Isolda e tantos outros, reverberaram no Brasil colônia séculos depois, e continuam até hoje, perpassando gerações, se difundindo principalmente no nordeste brasileiro em forma dos versos da Literatura de Cordel.

A propagação dessas literaturas que se alastram até os dias de hoje deve-se e em muito as crianças para as quais foi se contando de geração em geração o legado recebido, pois nós humanos ansiamos por perpetuar aquilo que nos traz alegria e esperança, e acreditamos que quão mais belo for retratado o homem, e no caso o amor romântico, maiores são as chances de assim ele se tornar. Essa transmissão folclórica de contos e valores, dar-se historicamente no meio familiar e nos grupos sociais da comunidade em que o indivíduo faz parte. A literatura, assim como a história, constitui e formal as novas gerações.

Muitos folcloristas têm acentuado a importância das crianças nesse complexo processo de transmissão cultural. (...) como confirmação de "tradições" que falam fundo à alma do povo, há o desejo manifesto ou latente de cada geração transmitir às mais novas o legado recebido (COELHO, 1991 p.45).

2.4 A transição da literatura entre os séculos XVIII e XIX

Só no século XVIII para o século XIX começa-se a escrever livros intencionalmente para crianças, vale lembrar que as Fábulas de Esopo, as Novelas de Cavalaria, e tantos outros clássicos já haviam sido escritos e já ganhavam espaço nos corações das crianças, ainda que futuramente seriam adaptados e readaptados de forma a envolvê-las cada vez mais. A partir da Renascença começa a deixar para trás aquela ideia medieval que chegava até mesmo equiparar as crianças aos animais, para entender que criança não deve ser apenas um período, uma quantidade de anos, o século XVIII com a pedagogia de Jean Jacques Rousseau é um marco para a visualização da infância da criança, que passa a ser considerada real e importante. Vale salientar que os pressupostos de Rousseau não surgiram por acaso, o contexto sócio-político como sempre influenciou muito os novos pensamentos daquela época, estava acontecendo a expansão das indústrias, estava chegando ao fim o feudalismo e o sistema medieval e o Estado absolutista teve como aliado para manter o seu poder as maiores instituições existentes, a família e a recém-criada escola.

E com o crescimento da indústria topográfica o uso do livro foi disseminado na escola para suprir a necessidade e nova habilidade de leitura, a alfabetização proporcionada pela escola e desde então surge uma nova pergunta, quando que o livro é realmente literário e quando que ele é pedagógico.

Produto da industrialização e, portanto, sujeito às leis do mercado, o livro passa a promover e a estimular a escola, como condição de viabilizar sua própria circulação e consumo. Nesse sentido, sua criação, visando a um mercado específico cujas características precisam respeitar e motivar, adota posturas, por vezes, nitidamente pedagógicas e endossa valores burgueses a fim de assegurar sua utilidade. Surge, nesse momento, o grande impasse que

acompanhará todo o percurso de evolução do gênero: arte literária ou produto pedagógico-comercial? (ALBINO, 2010 p. 03)

Criança existe desde o início da humanidade, mas infância é uma construção social em permanente modificação, e é no século XIX que a literatura começa especificamente a ser produzida para a alegria, envolvimento e formação dessa categoria social. Deparamos-nos até hoje com grandes clássicos produzidos nessa época, os nomes mais conhecidos são os irmãos Grimm, a beleza dos atuais clássicos de Charles Perrault, as Viagens de Gulliver e o belíssimo Robson Crusóé, único aceito e indicado por Rousseau para formação intelectual da criança, pois esse considera os livros no geral e principalmente as fábulas desnecessárias Às crianças por achar que essas antecipavam vivências infantis e considerar isso inoportuno para a formação dos pequenos.

Os livros continuam sua linha do tempo, agora cada vez mais perto das crianças, envolvendo-as, permitindo a fantasia, o desenvolvimento do imaginário, do seu psicológico e de tantas outras áreas importantes À vida, em cada realidade que atinge.

E apesar de que hoje na nossa cultura ocidental a infância é impregnada de responsabilidades e deveres contrários a seus direitos, que transformam as crianças em pequenos adultos voltando a uma visão de criança existente na Idade Média. As crianças têm obrigações acadêmicas TANTO quanto adultos, se vestem como esses, comem as mesmas coisas e são expostas aos mesmos malefícios que as tornam cada vez mais precoces, ou seja, menos crianças, como defende ARROYO, 1994 p.90 quando afirma que temos de passar a considerar Infância como tempo em si e não como tempo para, deixando que a criança seja no presente, e não apenas uma fase de preparação do que o que ela será quando adulto.

2.5 A literatura no Brasil do século XX

Na linha do tempo da literatura presente em nosso país, no século XX aparece o marco da literatura infantil, que até então vinha apenas traduzindo e fazendo pequenas criações a partir das obras já consolidadas do mundo europeu e aqui na sua maioria de forma didática. Esse marco se chama Monteiro Lobato com

sua Menina do Nariz Arrebitado, Lobato defendia uma literatura para brasileiros, que permitisse que as crianças se vissem nela, sua língua, seus costumes, sua terra, e ele conseguiu isso com o Sítio do Pica-pau Amarelo que ganhou lugar no coração dos pequenos brasileiros e do mundo, mas essa obra maravilhosa como todas, quando olhada bem de perto a muito mais a contar nas entrelinhas, o nacionalismo, a valorização do rural, a ainda didatização sobressaliente a literalidade em alguns momentos, etc. Contudo não são as obras lobatianas que nos propomos analisar nesse trabalho, nem mesmo as obras que denunciavam o país que queriam mudar como O Ateneu, O cortiço e tantas outras obras de arte que marcaram o Brasil entre 1890 e 1920 e perduram até hoje, clássicos cheios de brasilidade. Como nos mostra Lajolo e Zilberman (2007, p.56) “naquela obra fica evidente o caráter metafórico do sítio. Ele é integralmente o Brasil, estando embutido nele tudo que Lobato queria representar da pátria”.

Muitos foram os escritos dessa época de 1920 à 1945, mas obras do Sítio do Pica Pau Amarelo foram as mais conhecidas, aliás foram o pontapé para que nesse período se fomentasse novas obras pelos recentes modernistas que buscavam renovar a arte nacional e, mesmo as editoras passaram a ter mais interesse pela produção de literatura infantil, a começar com a inovadora editora do escritor e empresário Monteiro Lobato.

2.6 Literatura no século XXI

No século XXI, o ensinamento ou acultramento, transmitido pelos diversos meios, em especial pela literatura, mesmo os pais cada vez mais ausentes do lar, os filhos desde cedo cada vez mais ocupados com diversas obrigações desde a mais tenra idade, as ruas e as pessoas cada vez mais perigosas, a tecnologia cada vez mais avançada, conhecendo o mundo inteiro em uma tela, mas conhecemos poucas pessoas palpáveis e cada vez menos interesse em algo que requeira tempo, concentração e reflexão, queremos algo prático, imediato, pronto. Mas isso não tem impedido que a literatura persista na sua trajetória e se reinventa em livros de papel, tecido, emborrachado ou digitais, eles continuam encantado, transmitindo valores e ideias.

É justamente nesse ponto que a literatura e a crítica da literatura e na literatura torna-se tão necessária, a literatura mesmo quando transmite valores e

ideias de maneira sutil e ou pouco perceptiva, ela permite e faz pensar, ponderar, pois ela por si só é problematizadora, sendo ainda mais quando passada por terceiros cheios de afetividades ligadas ao outro, no caso a criança, que escuta histórias e Lê junto enquanto faz sua própria leitura interagindo com o escritor.

O que a literatura nos mostra ao longo do tempo é que ela influencia todos os públicos com os quais mantém contato, seja nas crianças ou mesmo nos adultos, independente se essa está sendo estudada em sala de aula, analisada em grupo ou individualmente, ou simplesmente lida como forma de lazer ou distração. O que defendemos é que a palavra tem poder transformador e é formador de pensamento e portador de ideias e cosmovisões, dando significado a vida do leitor.

A literatura continua se transformando conforme as demandas do meio social em que é produzida, como também transformando e moldando os leitores que dialogam com ela, no presente século, no qual o relativismo e o construtivismo intelectual e social são visões de mundo majoritárias, com o advento da tecnologia de comunicação em escala mundial, a literatura enfatiza essa problemática, sendo a posição de Bettelheim (2007) sobrepujada muitas vezes pela eliminação da dicotomia literária do “bom” e “mau”, quando esse postula que:

A apresentação da polarização de caráter (*bom/mau; certo/errado*) permite à criança compreender facilmente a diferença entre ambas, o que ela não poderia fazer tão prontamente se as personagens fossem retratadas de modo mais semelhante à vida, com todas as complexidades que caracterizam as pessoas reais (somos seres duais, capazes do bem e do mal e praticantes desses). (BETTELHEIM, 2007, p.17)

A arte literária frente a tudo isso não tem fracassado e sim se transformado e adaptado às demandas da atual realidade, continuando seu processo de contribuir para a formação do cidadão crítico que sabe analisar o mundo a sua volta.

Sem essa polarização na literatura que deveria ser resgatada para o centro que foi e, que como vimos, esteve presente na vida das crianças e adultos e, hoje tem sido gradativamente substituída por literaturas amorais, no sentido de que não têm um cunho moralizador, e em muitos casos por literatura alguma, sendo preferível os jogos eletrônicos e muitas vezes sem envolver e requerer a construção do

pensamento e construções mentais dos pequenos. A criança tem muita informação até mesmo em excesso, mas poucos personagens significativos com quem se identificar.

Lembra a psicanálise que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido a sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Identificada com os heróis e heroínas do mundo do maravilhoso, a criança é levada, inconscientemente, a resolver sua própria situação – superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e as ameaças que sente à sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto. (COELHO,2000, p.55)

E isso tem sido um dos muitos motivos que resultam em jovens cada vez mais cheios de incertezas que não conseguem superar os estágios da vida de maneira ideal para uma vida adulta plena, o que comprova a necessidade de continuarmos a buscar e produzir literaturas críticas.

2.7 O educador e a literatura

Faz-se importante destacar que o educador necessita ter formação multidimensional, ou seja, guiar-se pelo caminho da valorização da construção coletiva de conhecimentos e valores, na tentativa de honrar uma das funções sociais da sua profissão que é promover a construção de cidadãos autônomos com capacidade de optarem para a melhor estruturação do mundo que lhes apraz.

Enquanto professores mediadores e multidimensionais, ou seja, professores que não enfocamos nossa prática somente em dimensões técnica, mas também dimensões culturais, políticas e humanas; se faz essencial que nos deixemos seguir pelo viés do respeito às habilidades e competências de cada sujeito, como também, ao meio em que estes se encontram conduzindo-os para que adquiram os conhecimentos existentes e os reconstruam com as suas potencialidades e individualidade de forma que tenha significado para ele exercendo de maneira plena sua cidadania.

Não existe uma literatura salvadora e nem por si só, formadora de cidadãos críticos, reflexivos e atuantes, ou seja, políticos. Mas existe nessa arte como em todas as outras a potencialidade de induzir as massas, de direcionar o olhar, de construir e ou desconstruir ideologias e conceitos de mundo, sem falar que o livro por

mais ideológico que seja ele não se faz só ele se constrói com o leitor, ser pensante, mas já tão acostumado a não mastigar as ideias e que precisa se debruçar sobre o livro com base nas suas construções históricas, com sua bagagem de mundo, o que permite absorvê-lo rejeitá-lo ou simplesmente usufruir dele analisando e refletindo de maneira a reter do seu conteúdo o que melhor lhe agrada, tornando-se assim um leitor literário e não um mero consumidor de um produto. Com isso não queremos negar a especificidade dessa arte que por ser estritamente pessoal envolve e prende exercendo sua influência por todos os sentidos, como diz Amarilha (2009) sobre a narrativa literária:

Atinge o receptor do ponto de vista emotivo e cognitivo. Nesse processo o receptor da história envolve-se em eventos diferentes daqueles que está vivendo na vida real e, através desse envolvimento intelectual, emocional e imaginativo, experimenta fatos, sentimentos, reações de prazer e frustração podendo, assim, lembrar, antecipar e conhecer algumas das inúmeras possibilidades do destino humano (AMARALHA, 1997, p.19).

Para entender de que criticidade estamos falando precisamos entender que nos propomos visualizar a arte literária como participante na formação do cidadão, com todas as prerrogativas do que é ser cidadão, e para isso precisamos não só definir e entender o que é literatura como venho fazendo, mas também o que é ser cidadão.

Ao pegarmos uma definição sobre o que é cidadão, veremos que historicamente cidadão é o habitante da cidade, o que começou a ser denominado assim na Grécia Antiga, como aquele que além de habitar na cidade participava dos negócios e decisões políticas que permitiam uma vida em sociedade, logo ser cidadão implica em ser democrático, participante das decisões sociais para o bem geral. O cidadão deve desempenhar seus deveres para com o Estado/nação e usufruir dos seus direitos e assim praticar a cidadania. Sobre a formação do ser cidadão Nóvoa (1991) diz que:

“Entre os medievais o processo de socialização dos indivíduos se dava por meio da ‘impregnação cultural’, não havendo uma intenção implícita de educar. Entre os gregos e romanos da Antiguidade clássica, por exemplo, a educação de crianças e jovens do sexo masculino objetivava formar o cidadão ou o soldado-cidadão ou na escolarização moderna, cuja gênese pode ser demarcada na

Modernidade, que buscava formar o cidadão do Estado-Nação.”
(NOVOA,1991, p.111)

Entendendo que o maior motivo de educar as crianças seja o fato de que elas não são apenas fruto da cultura, mas transformadoras, produtoras dela, inteiras e não fragmentadas em perspectivas, pois é um ser humano, cidadão em um contexto permanente de atuação histórico e temos a obrigação de suscitar ao aluno conhecimento histórico social do mundo para que esse conquiste autonomia, no desenvolvimento de suas potencialidades, ou seja, temos como função usar todos os meios disponíveis para exercer a função social de acolher, cuidar e educar a criança contemplando a sua integralidade; como função política possibilitar a igualdade de direitos de todos e a participação dessas crianças aos seus direitos sociais e políticos para a formação da cidadania; ampliando os saberes e conhecimentos de diferentes naturezas a esses pequenos cidadãos.

Por cidadania entendemos o exercício da democracia, o cidadão em prática atuante e para isso consciente, sabedor, capaz de distinguir o dual, o legal do ilegal, o justo do injusto, a bondade o respeito e tantos outros valores que sem os mesmos é impossível a convivência em sociedade, acreditamos que cidadania, o ser político vá além do idiota útil que busca o seu próprio bem, que luta por leis que só o favorecem ou apenas ao núcleo social ao qual pertence, buscamos encontrar na beleza da arte literária as prerrogativas de uma verdadeira cidadania, as possibilidades de influenciar na formação do ser político, um sujeito capaz de pesar sempre todos os viés de uma decisão.

3º CAPÍTULO - RUTH ROCHA, VIDA E OBRA: ANALISANDO DADOS

Nos propomos aqui depois de toda essa trajetória da história da literatura e suas prerrogativas, conhecer a história e analisar obras de uma escritora brasileira nascida em 02 de Março de 1931, cujos escritos vem ultrapassando gerações e propagando ideias o que já foi digno de muitos estudos, alguns mostrados no início desse trabalho e muitos outros que não foram mencionados aqui, estamos falando de Ruth Machado Louzada Rocha, que nasceu em uma família de classe média, na cidade de São Paulo.

Ruth é graduada em Ciências Sociais e tem diversos títulos acadêmicos na área, trabalhou durante anos como orientadora pedagógica e em 1967, participou da criação da revista *Recreio*, da Editora Abril, na qual fez a publicação de suas primeiras histórias, mas livro mesmo ela só publicou em 1976, com 45 anos de idade, o livro se chamava *Palavras, Muitas Palavras*; que teve a influência de Monteiro Lobato escritor consagrado do qual já falamos aqui, o pai do famoso *Sítio do Pica Pau Amarelo*, e que inspirou histórias que podem encantar, inspirar e estimular o seus jovens leitores, como bem mencionam Oliveira e Silva (2008) sobre a literatura criada por Ruth Rocha:

Esta literatura retoma o projeto lobatiano, proporcionando à criança uma literatura de qualidade, que desenvolve sua criticidade, estimula sua criatividade e imaginação e desperta indagações e questionamentos sobre a vida, compreendendo a criança leitora nos diversos aspectos que abrangem a sua formação (OLIVEIRA e SILVA, 2008,p.26).

Ruth Rocha está no mercado há mais de 35 anos, já teve mais de 130 títulos publicados no Brasil e no mundo, tendo suas histórias traduzidas para mais de 25 idiomas. Com histórias sempre bem-humoradas e cheias de criticidade, que apesar do tempo permanecem bem atuais e provocativas em linguagem coloquial e clara que convida o leitor a participar dos questionamentos sociais da escritora. Sua ficção mais famosa é *Marcelo, Marmelo, Martelo* e outras histórias, da Editora Salamandra, que já vendeu mais de um milhão de cópias, mas não é a única obra consagrada da autora e nem a única a atingir a marca de 1 milhão de cópias vendidas.

A escritora já ganhou diversos prêmios pelo seu maravilhoso trabalho, vale salientar que os mais importantes prêmios brasileiros destinados à Literatura Infantil da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, um exemplo deste caso é *O reizinho mandão*, em 1978, que representou o Brasil na exposição “O livro de história e as crianças”, na Grécia, em Atenas, em 1979; além de cinco Prêmios “Jabuti”. Faz parte da lista de honra do prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da Literatura para crianças – o mais importante da literatura infantil mundial. Foi convidada duas vezes pela ONU uma para publicar a versão infantil da Declaração dos Direitos Humanos, intitulado *Iguais e Livres* e outra para assinar a declaração sobre ecologia para crianças, *Azul e Lindo – Planeta Terra*,

Nossa Casa (1990). Desde 25 de outubro de 2007 é membro da Academia Paulista de Letras¹.

De tantas obras significativas, que cativam e estimulam a reflexão e a criticidade nas crianças escolhemos o livro “Sapo que vira rei vira sapo ou a volta do reizinho mandão, que foi escrito no ano de 1983 e publicado no Rio de Janeiro pela editora Salamandra, atualmente já tem mais de 1 milhão de obras vendidas, está na 10ª edição e continua encontrando público principalmente no meio infantil e infanto-juvenil e é uma das suas consagradas histórias de reis, a última de uma sequência de quatro obras. Dentre as obras de Ruth Rocha, vamos analisar a obra “A primavera da lagarta” de 1984 também publicado pela editora Salamandra. E a obra “o que os olhos não veem” também da Salamandra publicada em 1983.



3.1 Pensando sobre as histórias de Ruth Rocha

Considerando a importância de conhecer boas histórias, que possam contribuir de fato para a formação de leitor crítico e reflexivo, analisaremos alguns trechos das histórias de Ruth Rocha que mostram que elas podem estimular o levantamento de ideias por parte do leitor de forma que o leve a apresentar pontos de vistas se posicionando de forma crítica sobre o lido.

Quando temos por intuito uma análise crítica, precisamos primeiro entender que não queremos formar uma opinião pronta e acabada, pelo contrário queremos possibilitar que o sujeito seja capaz de questionar o que está sendo posto, relacionar

a realidade narrada com a sua realidade social, de modo que o sujeito faça inferências e não se conforme apenas com o que está sendo dito. Estamos aqui chamando de crítico, aquele que analisa e estabelece um juízo de valor.

Para Freire (2000) uma educação de qualidade e que propõe a autonomia do educando deve estimular a curiosidade e a criticidade do aluno. Nesse sentido a leitura de literatura através de suas narrativas oportuniza o leitor a pensar sobre o lido e o vivido, uma vez que o convida a colaborar com o enredo da história completando cenários, concordando e discordando sobre os fatos vividos na ficção. Assim, "pensar certo significa procurar descobrir e entender o que se acha mais escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos" (FREIRE, 2000, p. 77) e a literatura por ser de natureza comunicativa e plurissignificativa é aberta para que o leitor se posicione de forma ativa sobre o que lê.

Nos propomos, na obra "Sapo que vira rei vira sapo" de Ruth Rocha, mostrar alguns aspectos presentes no texto que podem suscitar uma reflexão e conseqüentemente a formação crítica do sujeito.

1º Fragmento

_ Ora essa, Seu Rei, pois se o que eles dizem é verdade!

A princesa, que agora era rainha, foi logo respondendo:

- Ora essa, Seu Rei, pois se o que dizem é verdade! Vossa Majestade anda muito metido, muito mandão, e anda inventando umas leis muito sem pé nem cabeça!

O sapo, quer dizer, o rei ficou louquinho da vida:

_ Verdade? Eles dizem a verdade? Pois eu não gosto desta tal de verdade! Prendam a verdade!

Prendam todas as verdades! Percorram o reino!

Vasculhem as cidades! Corram pelas ruas, entrem pelas casas! Espiem em baixo das camas!

Remexam nas gavetas! E prendam todas as

verdades! Quero todas muito bem presas no sótão

real! Todas, todinhas! Embrulhadas, amarradas,

presas no sótão real!

Esse fragmento da história acontece bem no ápice do conto, quando o reizinho que era sapo começa revelar o seu verdadeiro caráter, mostrando para o povo que estava esperançoso de que o novo rei fosse melhor que o anterior, que ele só queria fazer ao seu bel prazer e que o beneficiava.

E o que acontece logo após ele promulgar suas leis que fazem o povo sofrer, foi o descrédito do povo para com o seu Rei e com isso a murmuração e, o falatório geral contra esse Rei. Ao nos depararmos com essas representações a primeira ligação que vemos é a analogia do Rei aos nossos líderes políticos, não devemos subestimar as crianças e não acreditar que elas também façam essa relação com os políticos, mas essencialmente a autora está tratando da relação de poder, que emana de qualquer representação de autoridade, como políticos, pais, professores etc.

Ao abordarmos esse texto mesmo quando não problematizado ele está suscitando questionamentos, nos fazendo refletir sobre justiça, direitos sociais e, principalmente a relação de poder, a sobrepurificação do mais forte sobre o mais fraco, levando a refletir sobre a necessidade de questionar as autoridades sobre suas leis, a necessidade e eficácia delas para as pessoas em sua volta.

Todas essas congruências emocionais e sociais podem e são suscitadas nesse trecho, levando o leitor a entrar em conflito com os ideais postos socialmente como Amarilha (2009) diz tornando possível que o leitor se desenvolva frente a sociedade:

Torna possível ao leitor experiências imaginárias que sejam catalisadoras dos problemas do desenvolvimento humano e assim proporcionar autoconfiança sobre o seu próprio crescimento (AMARILHA, 2009. p.73-74).

O leitor ao experimentar viver problemas sociais no mundo fictício e ser convidado a se posicionar sobre eles, sai nutrido dessa experiência, no qual o aprendizado obtido pode repercutir na sua vida prática.

2º Fragmento

O senhor caracol ainda quis fazer um discurso:
--

_ Minhas senhoras e meus senhores.
Como é para o bem geral
e para a felicidade nacional,
em meu nome e em nome
de todo mundo interessado,
como diria o Conselheiro Furtado,
quero deixar consignado
que está tudo errado...
Mas, como o Caracol era muito enrolado,
ninguém prestava atenção no coitado.
Já estavam todos se preparando para caçar a Lagarta.
_ Abaixo a feiúra! _ gritava a Aranha,
como se ela fosse muito bonita.
_ Morra a comilona! _ exclamava o louva-a-deus,
como se ele não fosse comilão também.
_ Vamos acabar com a preguiça! – berrava a Cigarra,
esquecendo sua fama de boa-vida.
E lá se foram eles!
Cantando e marchando:

Nesse fragmento da obra “A primavera da Lagarta”, que também pode ser considerado o ápice da história, retrata o momento e os motivos que levaram os insetos a se reunirem na floresta e é nessa reunião que os insetos decidem caçar a lagarta, mas essa caçada VAI levÁ-los na verdade a uma borboleta que um dia foi a lagarta a quem procuram.

A autora confronta os personagens sobre a sua prática através do seu próprio dialogo acusador, pois enquanto estão preocupados em apontar os defeitos da lagarta, não percebem os seus próprios defeitos ou inadequações sociais. A narrativa nos leva a avaliarmos o quanto essas exigências sociais são realmente importantes e necessárias, além de levar o leitor a se avaliar como juízes de seus pares.

As crianças leitores ávidos da literatura que analisamos aqui, mais do que qualquer outro tipo de leitor, pode se beneficiar com essa leitura, pelo fato de estarem iniciando sua trajetória social, mas devido ao seu caráter e influencias

externas já são desde cedo confrontadas com posições em sua volta sobre posições de beleza que aceitam magros, mas não gordos, que exigem que você como determinado alimento, se vista de determinada maneira, e tantas outras exigências as quais somos constantemente expostos. Por essa necessidade do infante é que Bettelheim (2007), refere-se a importância dos contos principalmente os fantásticos mostrando a importância das histórias para o auto entendimento e a conseqüente relação social satisfatória.

Hoje como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências de crescimentos são necessárias para se chegar a isso. A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isso, torna-se mais capaz de entender os outros e, eventualmente, pode se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória (BETTLHEIM, 2007, p.10).

Vale salientar que o que temos mostrado como possibilidades de reflexão dentro desses contos, não necessariamente precisam ser sugeridos às crianças, a história se revela e, a cada ser com uma perspectiva única, nesse caso o leitor pode uma hora considerar-se o Senhor Caracol que fala mais não é ouvido, ou mesmo visualizar no Senhor Caracol o professor que na sua perspectiva fala muitas coisas que não dignas de atenção, o que não a impede de logo em seguida ver-se como a cigarra conhecida por ser preguiçosa, o leitor se VÊ em cada personagem e os VÊ de diferentes maneiras, assim o leitor vai lançando suas projeções e nesse processo de catarse vai se modificando e aprimorando sua visão de mundo, como menciona Amarilha (2009):

Nesse processo, a função do leitor está dada, mas ele terá que exercê-la sob várias formas; uma delas é a de vestir as máscaras do texto, conforme a identificação e catarse que experimente (AMARILHA, 2009, p.84).

E no final da história ele vÊ-se como um ser em constante metamorfose, passível de mudança o que não seria possível mostrar para uma criança com uma história baseada unicamente em fatos reais, como diz Bettheim (2007, p.80) “uma dieta de histórias só realistas é improdutiva”.

3º Fragmento

Todas aquelas pessoas,
com quem ele convivia,
que ele tão bem enxergava,
cuja voz tão bem ouvia, como num encantamento
ele agora não tomava
o menor conhecimento ...

Seria até engraçado
se não fosse triste;
como tanta coisa estranha
que por este mundo existe,

e o povo desprezado,
pouco a pouco, lentamente.

Enquanto que o próprio rei
vivia muito contente;
pois o que os olhos não veem o coração não sente.

O título dessa obra “O que os olhos não veem” já é algo bem provocativo e que faz parte do conhecimento popular, o que já estimula o leitor a ler a história com vontade de descobrir o que é isso que ignoramos a existência ainda que seja óbvio só pelo fato de não vermos, logo nos primeiros passos da história um Rei acometido de doença estranha e já começamos a nos questionar sobre o porquê dessa doença ser estranha, o que tem de anormal em uma cegueira que só nos permite ver as pessoas grandes, será que só os grandes são importantes? E os pequenos, será que devem se conformar em não serem ouvidos, vistos e levados a sério? Se a resposta é que eles não devem se conformar, o que é que pode ser feito, já que reclamar não resolve e os grandes não conseguem ouvir as vozes e até esqueceram a existência dos pequenos, o que é preciso fazer para resolver o problema?

São muitas perguntas que podem ser suscitadas nas mentes dos leitores, no decorrer da leitura a autora vai respondendo algumas delas e fazendo novas perguntas e como sempre na escrita crítica e provocadora, deixa a história em aberto, com perguntas a serem resolvidas, mostrando que problema só foi resolvido

por enquanto, pode ressurgir ou surgir novos desafios para aquela gente que nesse ponto da história é o próprio leitor, com seus conflitos a serem resolvidos, tudo isso de maneira poética que nos remete a literatura de cordel, mostrando como diz Perrotti (1995) o quanto o jogo e o desafio da literatura são cativantes e prazerosos.

“[...] do ponto de vista da literatura infantil, quer dizer que as mensagens por ela veiculadas devem ser instigantes a ponto de desafiar o leitor, propor-lhe problemas cujas soluções dependeriam de sua habilidade em jogar, de sua capacidade criativa para dar respostas a situações novas, de suas idiossincrasias. O prazer está intimamente associado a essa espécie de jogo-desafio.” (PERROTTI 1995, p.77)

E é nesse jogo-desafio que a literatura provoca o leitor, levando-o a pensar sobre o que está ao seu redor, a se posicionar sobre o que lê e vive, refletindo sobre sua própria vida e o funcionamento e organização da sociedade.

CONCLUSÃO

Nesse trabalho trazemos uma perspectiva de toda a trajetória da literatura, especialmente a história da literatura infanto-juvenil, mostrando o poder que é exercido por essa arte da palavra quanto formadora de um cidadão crítico e reflexivo, capaz de exercer os seus direitos e lutar pelos seus deveres. A literatura como ela o é, palavra usada de maneira artística, envolvente e provocadora, deve estar presente na vida de cada criança, provocando-a, estimulando-a e formando o seu caráter ao oportunizar pensar sobre se e os outros, que são tantas vezes bruxas, fadas, lagartas, borboletas, rezeiros e sapos. Processo esse que leva o leitor a analisar e repensar o seu mundo, vivenciando e superando conflitos reais através da ficção e imaginação.

E ninguém melhor para nos mostrar isso na prática, do que a consagrada escritora brasileira Ruth Rocha, a qual analisamos três de suas maravilhosas obras, que nos levam a refletir sobre as formas de poder, a subserviência do fraco sobre o forte e a necessidade de constante luta pela conquista dos nossos sonhos e lutas.

As obras de Ruth Rocha, trazem em sua narrativa reflexões sobre o convívio em sociedade e suas problemáticas e convida o leitor a pensar e a se posicionar sobre elas. Essa oportunidade que o leitor tem de refletir sobre os aspectos da

ficção e relacionar com a realidade contribui para uma formação leitora que vai além da compreensão do texto escrito. Ela faz com que o leitor reflita também sobre a sua realidade, isto é, o ambiente em que vive apresentado pontos de vistas, julgando e justificando ideias. Deste modo, concluímos que as obras de Ruth Rocha contribuem para a formação do leitor de literatura e que deve ser divulgada e utilizada em todas as escolas, independente da idade dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino**. Disponível em: <http://www.iesp-rn.com.br/ftp/iesp/ DisciplinasPROISEP/M%F3dulo%205/LITERATURA%20INFANTO-JUVENIL/Texto%202%20-%20literatura_infantil%20no%20Brasil.pdf>. Acessado em: 03/10/2015

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?: Literatura infantil e prática pedagógica**. 8 ed Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

_____. **Alice que não foi ao país das maravilhas: a literatura crítica na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

ARROYO.M. **O significado da infância**. Anais do Seminário Nacional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. Paris, Ed. Du Seuil, 1997.

OLIVEIRA, Ana Flávia de. SILVA, Liliane Rodrigues. **A leitura infanto-juvenil na formação do leitor e cidadão crítico**. Morrinhos, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ed São Paulo: Moderna, 2000.

____ **Panorama Histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens Indo-Europeias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Ática S.A, 1991.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura para Crianças e Jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História e Histórias**. 6ª ed. São Paulo: Ática. 2007.

NÓVOA, Antonio. **“Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente.”** Teoria & Educação, 4, 1991, p. 109 a 139. In. SILVA, Tomaz Tadeu da.

OLIVEIRA, Ana Flávia de. SILVA, Liliane Rodrigues. **A leitura infanto-juvenil na formação do leitor e cidadão crítico**. Morrinhos, 2008

PERROTTI, Edmir. **Um discurso colonizado(r)**: reflexões sobre a literatura infantil. In: ROCHA, Ruth. A Primavera da Lagarta. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

ROCHA, Ruth. **A Primavera da Lagarta**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

____. **O que os olhos não vêem.** 15^a ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.

____. **Sapo vira rei vira sapo:** a volta do reizinho mandão. 10^a ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.

ROOKMAAKER, H. R. **A arte não precisa de justificativa.** Viçosa, M: Ultimato, 2010